

* 7 NOV 1993

66m. Brasil

2 • Domingo, 7/11/93

JORNAL DE BRASÍLIA Opi

Vinte anos de crise

A crise econômica alterou profundamente o mapa da economia brasileira nos últimos vinte anos. Ao mesmo tempo em que se detectava uma participação crescente das regiões Norte e Centro-Oeste no PIB nacional, constatava-se um recuo do Sul e, bem maior, do Sudeste. Assim, pode-se dizer que de certa forma, a crise contribuiu para diminuir o abismo que separa as regiões brasileiras, mas a verdade é que o desequilíbrio continua muito grande e só poderá ser mudado por decisões políticas. Estudo feito pela revista Amanhã — a mais importante publicação de economia do Sul do País, com base em dados obtidos em diversas pesquisas, entre as quais as da Fundação Getúlio Vargas — mostra ainda que na década de 80 a economia brasileira cresceu apenas 15 por cento para um aumento populacional da ordem de 20 por cento. Este descompasso acabou representando uma queda de 6 por cento na renda média per capita e um recuo de 15 por cento no nível de consumo. Coroando a recessão, temos hoje cerca de um quarto das populações das grandes cidades vivendo na miséria absoluta.

Entre 1970 e 1990, a participação da região Norte, no PIB brasileiro, saltou de 2,2 para 5,4 por cento. Menor, mas igualmente significativo, foi o avanço da região Centro-Oeste que passou de 3,7 para 5,7 por cento. O crescimento do Nordeste, em termos proporcionais, foi bem mais modesto, já que passou de 12 por cento para 15,7 por cento. Ao desenvolvimento destas três regiões, contrapõe-se o recuo das duas regiões mais ricas. O Sudeste desceu de 65 para 58,4 por cento, e o Sul de 17 para 16,8 por cento.

O crescimento do Norte e do Centro-Oeste, grosso modo, pode ser creditado à expansão da agropecuária e à extração de minérios; já a queda do Sul e Sudeste à estagnação industrial. É indiscutível que nos próximos vinte anos este fenômeno deve se aprofundar. Mas para acelerarmos de vez o processo de homogeneização da economia nacional será preciso que o Governo interfira. Por exemplo, se abríamos uma estrada até os portos do oceano Pacífico, é bem possível que explodam os índices de crescimento do Centro-Oeste e do Norte.

A queda da participação do Sudeste na economia nacional deve-se, basicamente, à espetacular estagnação do Rio de Janeiro, que representava 16,1 por cento do PIB em 1970, e que desceu para 11,5 por cento em 1990. São Paulo também teve uma regressão, descendo de 39,4 para 33 por cento. Os resultados do Sudeste só não foram piores porque Minas Gerais foi o estado que, proporcionalmente, mais cresceu nos vinte anos analisados. Sua participação saltou de 8,3 para 10,1 por cento. Já no Sul, o Paraná teve um crescimento de 1,1 por cento e Santa Catarina de 0,6, por cento, mas isso não foi suficiente para contrabalançar a queda de 1,6 por cento do Rio Grande do Sul.

A tendência dos próximos anos deve ser neste sentido. O Governo, por seu lado, deve influir para que ela se aprofunde. A concentração de quase 60 por cento da riqueza nacional no eixo Rio-Minas-São Paulo é um fator de instabilidade nacional, porque, entre outras coisas, continua a atrair os fluxos migratórios, em detrimento de áreas com maior potencial de crescimento.